

REVISTA  
Nº 47 **NOVOS RUMOS**

SEGUNDA PARTE

**□ SOCIALISMO E  
OS INTELLECTUAIS**

ANTONIO ROBERTO BERTELLI

KARL KAUTSKY

LEON TROTSKY

MAX ADLER

MAX ADLER

## O SOCIALISMO E OS INTELECTUAIS\*

### PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A ciência não deve ser um prazer egoísta: aqueles que possuem a felicidade de poder consagrar-se aos estudos científicos devem ser os primeiros a colocar seus conhecimentos a serviço da humanidade.\*\*

*Karl Marx*

A presente obra está esgotada há vários anos. O poderoso momento que o movimento revolucionário socialista viveu depois da guerra e que também arrastara os trabalhadores intelectuais parece razão suficiente para justificar uma nova edição dela.

Se bem que a reimpressão se faz sem modificações importantes, algumas partes do livro necessitariam de uma complementação em função do desenvolvimento que se deu no período transcorrido entre ambas as edições. A falta de tempo e as ânsias dos trabalhadores intelectuais – que se somam em massa às fileiras do socialismo e requerem uma rápida reedição deste trabalho, que trata precisamente da relação deles com o socialismo – me impediram de satisfazer a essa exigência. Seja-me permitido salientar com algumas breves observações como a guerra pôs em relevo a idéia central desta obra: que a superação da forma capitalista da economia é a *conditio sine qua non* de um desenvolvimento seguro da cultura e, portanto, da evolução das condições de existência do trabalho intelectual sem obstáculos.

A guerra, antes de tudo, revelou-nos de maneira terrível que todos os ideais sociais tinham que se converter necessariamente em seus contrários, porque pretendiam fingir uma solidariedade com o povo e com o conjunto da sociedade impossível de fato num mundo de contradições de classe. As palavras altissonantes, mas, vazias de “bem co-

\* Traduzido de “El socialismo y los intelectuales”, em Max Adler, *El socialismo y los intelectuales* (México: Siglo Veintiuno Editores, 1980), pp.117-186. Tradução: Antonio Roberto Bertelli.

\*\* Afirmação de Marx reproduzida textualmente por Paul Lafargue em suas “Recordações pessoais”, publicadas pela primeira vez em alemão em *Die Neue Zeit*, IX (1890-1891), vol. 1, e agora em [Vv. Aa, *Karl Marx como homem, pensador e revolucionário* (São Paulo: Global Editora, 1984), pp. 84]. O ensaio *Der Sozialismus und die Intellektuellen*, Viena, 1910, foi dedicado por Adler, em fevereiro de 1910, “à Associação Livre de Estudantes Socialistas de Viena, por motivo de seu 15º aniversário de fundação” (nota de Siglo Veintiuno Editores).

num”, “do interesse da pátria”, “da solidariedade do conjunto”, “da liberdade dos povos”, todas elas foram utilizadas como meio para fundamentar uma legitimação ética e evocar um heroísmo moral quando na realidade só existiam os interesses de dominação e de poder de pequenas castas imperialistas. Dessa forma, foi possível transformar precisamente os intelectuais em mensageiros do genocídio, o que significa que o capitalismo conseguiu enredar o trabalho intelectual numa dependência material, e, mais ainda, o levou à prisão e à ruína. Dessa maneira, sob as bandeiras do capitalismo o trabalho intelectual se viu obrigado a agir como um instrumento direto de autodestruição da cultura.<sup>1</sup>

Mas a guerra também salientou que a sociedade capitalista é absolutamente incapaz de assegurar a sua própria civilização, já que numa inevitável linha ascendente, e devido precisamente a suas condições específicas de desenvolvimento econômico, continuará evoluindo até se tornar imperialista, para desembocar nessa convulsão terrível que é a guerra mundial. Toda a riqueza material dessa guerra foi destruída estrepitosamente e seu patrimônio ideal foi desmascarado como aparência enganadora. Enquanto esse sistema permanecer intocado, o princípio vital do capitalismo – a expansão do capital sem trégua nem descanso – continuará gerando uma e outra vez conflitos bélicos entre as nações, verdade que não é alterada nem sequer pela experiência dessa guerra. Esse princípio vital continuará cavando a tumba para o conjunto de interesses intelectuais e éticos, fato que a ideologia capitalista sempre sabe envolver e encobrir habilmente com novos disfarces. Por acaso não sonharam os imperialistas de todos os países – inclusive os que estão envolvidos nessa guerra – com a próxima guerra mundial, com uma “investida” ainda maior da raça branca contra a raça amarela? Essas são as razões pelas quais a cultura não tem nem pode ter a segurança de uma existência e de uma evolução pacífica dentro do sistema capitalista, e não a terá até que esse sistema seja completamente erradicado, apesar do magnífico desenvolvimento das condições técnicas e intelectuais.

O caráter anticultural do capitalismo aparece mais do que nunca no “tratado de paz” que pretensamente põe fim à guerra mundial, pois como a poderosa revolução socialista só realizou sua missão de vingança na Rússia e nos países das potências médias, enquanto o imperialismo persiste sem maiores incômodos nos países da *Entente*, é evidente a total impossibilidade de se conseguir uma paz que cumpra com as reivindicações de liberdade e justiça coincidentes com os princípios de autodeterminação dos povos e com o ideal da Sociedade das Nações.

Somente uma paz forçada poderá satisfazer a sede de vingança e a rapacidade dos burgueses triunfantes dos países ocidentais, o que criará uma situação tal entre os povos que levará a novos conflitos sangrentos. Só a esperança de que algum dia a revolução socialista também eclodirá no Ocidente permite visualizar a mudança que inaugurará para a humanidade sofrida e indignada o caminho para sua libertação do jugo imperialista, oferecendo-lhe por sua vez um reordenamento de sua vida, que garantirá pôr fim à continuidade e à crescente segurança de seu progresso cultural e moral. Só então os intelectuais se encontrarão diante da possibilidade de desenvolver plenamente suas condições específicas de vida, enquanto que o conjunto da sociedade poderá alcançar um nível e uma qualidade de vida que possibilitarão a transformação crescente dos interesses intelectuais em interesses vitais.

Viena, 1º de janeiro de 1919

<sup>1</sup> Ver o meu folheto sobre a guerra, *Bildung und Krieg* [Educação e guerra] (Viena: Livraria do Povo, 1918) e o capítulo “Demokratie und Sittlichkeit” [Democracia e moral] de meu livro *Klassenkampf gegen Völkserkampf* [Guerra de classes versus guerra entre os povos] (Leipzig: 1918).

## PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

A relação do trabalhador intelectual com o socialismo foi objeto de repetidas discussões no interior do partido. O fato de que a presente exposição retome esta questão se deve a que, na opinião do autor, não se tratou com a clareza necessária aquele aspecto que assume fundamental importância no que se refere à relação existente entre o socialismo e os que exercem a profissão intelectual: a *relação cultural*. É ela, em última instância, e não somente a crescente proletarização dos trabalhadores intelectuais – fato inegável –, a força propulsora capaz de derrubar as barreiras que impedem uma compreensão cabal do movimento operário e seu real significado. Uma vez conseguida essa compreensão, nasce como produto inelutável a convicção acerca da existência de uma meta final comum; precisamente o reconhecimento dessa meta é o objetivo da exposição que se segue: o interesse da classe dos intelectuais – se é lícito aplicar o termo econômico de classe a esse grupo que praticamente se situa no interstício entre as classes –, esse interesse de classe não é *afinal de contas* nem um interesse burguês nem proletário, mas um interesse de caráter cultural. No meu entender, os intelectuais não se restringem ao reduzido grupo de literatos e acadêmicos que em geral se designa com este termo; ao contrário, intelectuais são todos aqueles trabalhadores que, para poder exercer sua profissão, tiveram que adquirir uma formação escolar superior à que se obtém nas escolas de ensino básico e médio – como a escola primária e secundária –, que, portanto, tiveram maiores possibilidades de se aproximarem dos interesses intelectuais, por muito insuficiente que sejam seu desenvolvimento e seu estímulo na realidade. Desse modo, o termo “intelectuais” substitui o termo “trabalhadores intelectuais” que se usava anteriormente em oposição ao de “trabalhadores manuais”.

Outro termo empregado com muita frequência é do “proletariado intelectual”, que substituo por “intelectuais” intencionada e conscientemente. Creio que, diferentemente da primeira denominação, que pretende salienta a oposição com o trabalhador manual – coisa discutível e não de toda clara –, com menos risco de ser mal-entendido, o termo “intelectuais” sugere que é mais fácil abarcar o horizonte intelectual do ponto de vista das condições de trabalho intelectual, por mais forte que seja a tendência a se perder no labirinto da pressão do trabalho profissional e dos problemas da existência. Diferentemente da segunda denominação mencionada, utilizo o termo geral “intelectuais” para destacar que a proletarização progressiva não tem o mesmo significado para o trabalhador intelectual do que para o proletariado industrial, se bem que as condições de vida proletárias do primeiro constituem um poderoso meio social para aproximá-lo do socialismo. Não é correta a afirmação segundo a qual só as condições de vida proletárias é que determinam a possibilidade, para o socialismo, de ganhar influência nos círculos intelectuais. Ao contrário, o objetivo deste livro é precisamente comprovar que convocar o proletariado intelectual do ponto de vista de seus interesses econômicos tem uma conotação propagandística muito duvidosa; o que queremos dizer é que a tentativa de apontar os interesses econômicos que – pretensamente – deveriam levar os trabalhadores intelectuais, assim como os trabalhadores industriais, para o campo do socialismo manifesta uma falta de compreensão (também vigente no caso das reivindicações econômicas dos assalariados) para o fato de que o socialismo luta por muito mais do que a melhoria meramente material de sua situação. Não nego de maneira alguma que dia a dia o termo “proletariado intelectual” assume maior significado real; nas páginas seguintes me refiro a essa proletarização dos trabalhadores intelectuais. Não obstante, penso que a tentativa de atraí-los para as fileiras do socialismo levantando unicamente a bandeira de seus interesses econômicos tem um significado ideológico muito diferente do que no caso dos

trabalhadores industriais, o que faz com que sua disposição de luta não se projete precisamente até as metas finais do socialismo. Por outra parte, no momento de empreender a luta por melhores condições de vida, o operário realiza um ato cultural, pois só será capaz de travar essa luta com êxito se conseguir superar sua dispersão e isolamento físico e psíquico, estabelecendo conscientemente a unidade de classe, passo intimamente ligado a seu despertar intelectual, como demonstraremos mais à frente. Diante disso, o anseio dos intelectuais de ter condições de vida adequadas não implica por si mesmo – qualquer que seja sua manifestação – uma elevação de seu nível cultural, já que para eles é habitual realizar atividades intelectuais.

Pois bem, porque o problema do salário, o problema do pão, se converteu numa preocupação cada vez mais atual também para os intelectuais, convém, ou melhor, urge explicar *com as ferramentas do socialismo científico* que o socialismo oferece soluções para além do mero problema do pão. Aclarar esse ponto supõe ampliar o raio das *convicções* socialistas. Limitá-lo a esse problema fomenta o perigo de se substituir a compreensão acabada do socialismo moderno e a íntima ligação com ele por uma espécie de modelo de representação de interesses quase no estilo gremial, corporativista, e precisamente tal política não pode – nisso concordo totalmente com Adolf Braun – satisfazer à social-democracia, menos ainda do que qualquer outra política burguesa. Um enfoque que pretenda subordinar a meta última a um movimento estranhamente separado do objetivo final constitui, inclusive para o proletariado industrial, uma espécie de grilhão de ferro que impede qualquer avanço intelectual; constitui a morte segura de todas as idéias revolucionárias que nascem – de um ponto de vista psicológico – na raiz do fato de que a alma se nega a continuar suportando aquele mundo que ainda mantém oprimido o corpo. Algo mais grave se deduz desse enfoque quando se aplica aos intelectuais: significaria a impossibilidade de que começasse a brotar entre eles o espírito socialista, aquele despertar do espírito socialista que pressupõe o rompimento intelectual radical com o velho mundo e que só surgirá com base no reconhecimento da necessidade histórica do socialismo, da qual deriva a possibilidade de se visualizar a meta final. Isso é válido sobretudo para essa camada tão vinculada por laços tradicionais e econômicos com o mundo burguês. Desse ponto de vista não me parece correto o que Adolf Braun afirma no artigo anteriormente mencionado: que “não há razões gerais que possam explicar o afluxo dos intelectuais às fileiras da socialdemocracia”.<sup>2</sup> Ao contrário, existem suficientes razões – provenientes de outros âmbitos e não só da área econômica – e todas elas podem influir no conjunto dos intelectuais, todas elas (para além de suas condições proletárias de vida) são motivos para se somar ao movimento operário socialista, sempre quando se lhes faça ver a essência desse movimento e sua própria posição social. Essa é a tarefa, o objetivo das páginas seguintes.

Responder a essa argumentação com a reprovação do utopismo ou acusá-la de contrária à concepção materialista da história seria não entendê-la por completo, pois de nenhuma maneira se trata de invocar o raciocínio e o sentido de justiça de pessoas cultas, como faz o otimismo utopista, mas de difundir a compreensão teórica de um processo histórico e das leis que regem a vida social; isto é, difundir essa compreensão teórica no seio de um grupo social determinado, cujos interesses reais não se contradizem com as conseqüências políticas e sociais de tal compreensão. Nesse caso, o interesse teórico ocupa um posto de igual importância que os interesses econômicos, porque a possibilidade de desenvolver sem nenhum estorvo nem limites os interesses intelectuais é parte

<sup>2</sup> Adolf Braun, “Die Intellektuellen um die Politik” [Os intelectuais e a política], em *Die Neue Zeit*, XXVII (1907-1908), vol. 2, p. 852.

integral das *condições de vida* dos intelectuais, como demonstraremos neste livro. O fato de que seja necessário buscar as razões do afluxo dos intelectuais ao campo do socialismo fundamentalmente em áreas extra-econômicas tem sua explicação nas condições ideológicas específicas de existência do trabalho intelectual tanto como no acervo cultural do próprio socialismo. Não outra coisa que aquela fenomenal dialética do mecanismo histórico que destinou ao proletariado, isto é, à camada mais baixa da sociedade, o papel de pioneiro do progresso social é que obriga simultaneamente os trabalhadores intelectuais, que se encontram no cume da cultura burguesa, a se integrar à luta emancipatória do proletariado – prévio conhecimento das condições de sua própria *evolução social* – para não ficar na rabeira do progresso cultural. Também aqui obra uma férrea necessidade histórica que emerge paulatinamente da cegueira para se transformar em verdade evidente, o que Karl Marx já escreveu em seu *Manifesto comunista*, sinal que anunciava um tempo novo:

Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza se passou para a burguesia, em nossos dias, uma parte da burguesia passa-se para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à *compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto*.<sup>3</sup>

### A IDÉIA DA CULTURA NACIONAL

Há uns dez anos, o mundo cultural alemão celebrou um aniversário que deveria representar muito, fundamentalmente para nós, os acadêmicos, estudantes e profissionais, e cuja recordação despertou novamente o nosso interesse durante essa guerra que acaba de terminar: é o centenário dos discursos de Fichte à nação alemã. Depois de cem anos, ainda ressoam em nossas mentes aquelas palavras imponentes que nos alentavam, aquelas advertências amargas que exigiam introspecção e recolhimento, aqueles impulsos apaixonados e veementes a nos corrigir, com os quais um homem desejava levar às alturas de seu mundo de pensamento a todo um povo, que nesse momento sofria no mundo da realidade a pior das humilhações.

Mas com que meios se poderia realizar uma empresa de tal magnitude?

Por acaso não seriam necessárias forças mágicas, as únicas capazes de levá-la a cabo?

Porque todas as demais forças presentes no Estado e na sociedade só haviam produzido aquela situação na qual os alemães precisamente se viam envolvidos: a grande ruína externa e interna de Iena. Fichte queria convocar aquelas forças mágicas que presentes na alma de cada um dos homens, mas depositadas ali, perdidas e sem que esse as percebesse, formam um rescaldo miserável debaixo da cinza sufocante do aturdimento e da desídia dos costumes mecânicos do pensamento. Pensava provocar na alma dos homens uma tempestade, avivando e sacudindo esse rescaldo, dispersando o povo de preconceitos antiquíssimos, de opiniões aceitas passivamente e de sentimentos embrutecidos, tornados apatia; atijando impetuosamente a chama do pensamento autônomo e do raciocínio seguro de si mesmo, cujo calor penetrasse todos os sentimentos do homem, cuja luminosidade ampliasse seu horizonte, cujo ardor chamejante atijasse seu espírito de

<sup>3</sup> Karl Marx & Friedrich Engels [*Manifesto do partido comunista* (5ª edição. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, s/d), p. 34, grifos de Max Adler]. Para evitar confusões tediosas é oportuno salientar que nesse contexto a palavra “ideólogo” ainda não possui a conotação depreciativa que atualmente lhe é atribuída para denominar aqueles que ainda não alcançaram a compreensão teórica dos movimentos históricos. Nesse texto de Marx tem mais ou menos o mesmo significado que o nosso termo “intelectuais”.

ação e sua capacidade de decisão. Em que se baseia a grandeza humana?, grita Fichte a seus alunos que, em meio ao fragor da guerra napoleônica que estremece o mundo, acorrem a esse pequeno auditório da Universidade de Berlim que lhes deve ter aberto a porta de um mundo diferente, o mundo espiritual.

Em que se baseia a grandeza humana senão na autonomia e originalidade da pessoa e em que não seja uma obra artificial de sua época, mas uma planta surgida do mundo espiritual eterno e primário, tal como é, que haja concebido uma opinião nova e peculiar da totalidade do mundo, que tenha a firme vontade e a força férrea de introduzir essa nova opinião na realidade.<sup>4</sup>

Portando, para alcançar aquelas alturas a que Fichte queria elevar o seu povo, a primeira tarefa é a de “*formarmos caráter e acreditar de momento nos formando por meditação própria uma opinião firme de nossa verdadeira situação por conta própria e do meio seguro para melhorá-la*”.<sup>5</sup> Profundamente preocupado pela sorte de sua nação, o pensador visualiza um só instrumento que reúne as características requeridas: uma transformação total e verdadeiramente revolucionária da educação e, fundamentalmente, da educação do povo. “Proponho uma mudança total do sistema de educação imperante até agora”, diz Fichte já no primeiro de seus *Discursos*, “como único meio de conservar a nação alemã em existência”.<sup>6</sup> Todavia, aqui não se trata de um simples projeto de reforma pedagógica, nem sequer no espírito de um Rousseau ou de um Pestalozzi, mas de algo muito mais radical e verdadeiramente revolucionário: que essa reforma do sistema educacional não só seja uma renovação do próprio povo impulsionada por sua juventude, mas, simultaneamente, uma completa reorganização de toda a estrutura estatal, da qual a nova educação só é o primeiro degrau, que implica inevitavelmente a ulterior transformação da forma atual do Estado.

Nisso reside a grandiosidade e a perene validade do novo programa educativo de Fichte, em virtude do qual assumiu uma grande transcendência para o proletariado alemão, que o identifica com orgulho, segundo as palavras de Engels, como um de seus principais precursores intelectuais: em ter reivindicado uma educação popular que realmente mereça esse nome, isto é, uma educação que elimine a soberba diferenciação entre uma classe culta e outra obrigada ao trabalho para poder subsistir; uma educação que já não considera a cultura como uma espécie de privilégio de algum grupo no interior da nação, mas que, ao contrário, qualifica essa situação como absurda e paradoxal, como uma autolimitação nociva, dado que a verdadeira educação popular não pode existir nem se desenvolver a não ser como uma educação do povo em todos os seus componentes.

Além do mais – exclama Fichte – essa formação assim restrita aplicou-se somente a uma minoria muito reduzida das classes chamadas “cultas” [...] a grande maioria, contudo, sobre a qual descansa o ser comum, o povo, foi descuidada da arte da educação quase que por completo e deixada à sua própria sorte. Com essa nova educação queremos formar os alemães para *uma totalidade* que em todas as suas partes individuais seja impulsionada e animada pela mesma causa única [...] não nos resta outro remédio que levar a nova formação a tudo o que é germânico sem exceção, de forma que se converta *não em formação de uma classe especial*, mas em formação da nação simplesmente, sem exceção de nenhuma parte dela. E que em tal nação, na formação da complacência íntima na justiça, sejam suprimidas e desapareçam totalmente todas as diferenças

<sup>4</sup> J. G. Fichte, *Reden an die deutsche Nation* [Discursos à nação alemã], Reclam, pp. 187-188.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 190

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 13.

de classe que em outras partes do desenvolvimento ainda possam existir e desta forma se produza entre nós não educação do povo, mas educação nacional típica alemã.<sup>7</sup>

A educação não deve então ser concebida como a tutela educativa dos cultos sobre o povo, mas como um bem comum; não como elemento de divisão, mas como fator de integração que aglutina todas as classes do povo alemão numa comunidade espiritual, *numa nação*. Esta era a grande força, a única na qual Fichte depositara toda a sua esperança de que pudesse iniciar-se uma nova era para o povo alemão; esta era a *idéia nacional* com que sonhava, e de fato conseguiu exacerbar a juventude naqueles tempos plenos de ilusões da época das guerras de libertação.<sup>8</sup>

Hoje, voltando em pensamento àquela época, podemos duvidar seriamente se muitos daqueles jovens arrastados por um ardente entusiasmo de Fichte foram realmente capazes de compreender toda a profundidade de seu pensamento. Por uma parte, os jovens, que pela primeira vez tomavam contato com o pensamento de seu professor, tinham não poucas dificuldades para compreender imediatamente todas as implicações do novo conceito de educação tal como Fichte o visualizava, que já um ano antes (1800), em seu escrito acerca do Estado mercantil fechado, havia demonstrado como o seu programa de educação do povo estava condicionado, ou seja, que dependia no político e no social de uma radical transformação da ordem social vigente. Por outra parte, só a clarividência de Fichte explica que tivesse uma visão do presente muito mais precisa, clara e nítida do que a daquela juventude que o aclamava com entusiasmo e inclusive mais clara do que muitos de seus contemporâneos. É provável que esses jovens tenham entendido sua idéia do renascimento nacional somente do ponto de vista da conjuntura política, como um apelo à resistência contra a ocupação napoleônica; mas não podiam perceber o profundo nexo existente entre esse discurso e aquele primeiro projeto de traçar os fundamentos de uma nova organização da sociedade alemã, de um Estado social para cuja realização os *Discursos à nação alemã* se propunham a oferecer a preparação espiritual. Muitas vezes não terão compreendido que, mais do que se libertar do jugo da dominação de um povo estrangeiro, se tratava de *libertar o próprio povo da dominação da incultura*, que com a miséria e a ignorância estava desnacionalizando a maior parte do povo alemão, arrancando-o do contexto vital de seus interesses e atividades culturais. Se esse *sentido social* dos *Discursos à nação alemã*, dos quais ainda hoje é comum abusar-se nas formas caricaturais da fraseologia nacional-chauvinista, nem sequer hoje é captado por muitos homens cultos,<sup>9</sup> como poderia ter sido compreendido naqueles tempos?

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>8</sup> Ver Max Adler, "Fichtes Idee der Nationalerziehung" [A idéia de Fichte sobre a educação nacional], em *Der Kampf*, ano 1914, pp. 205 e ss.

<sup>9</sup> Inclusive hoje se pode ler na obra *Grundriss der Geschichte der Philosophie* [Resenha da história da filosofia] de Überweg-Heinz com relação às proposições de uma reforma social e educacional que são parte essencial do conjunto do pensamento fichtiano e que antecipam os resultados da atual crítica social teórica: "*Não é por suas proposições particulares, em geral exageradas e fantasiosas, mas pelo princípio ético defendido em seu discurso que Fichte contribuiu de maneira considerável para a elevação moral da nação alemã e incitou especialmente a juventude à luta desinteressada pela independência nacional*" (8ª edição. *Neuzeit*, tomo 2, p. 16). Citemos uma vez mais o próprio Fichte como testemunha para demonstrar o abismo existente entre o princípio ético e a elevação moral da nação alemã que ele propiciava, por um lado, e que o vulgar patriotismo do mundo burguês e da ideologia dos chauvinistas alemães atribuem à destacada figura de Fichte, por outro. Esses últimos utilizam seu nome como um ouropel, há muito tempo sem fazer qualquer esforço para ler os seus escritos. Em seus *Discursos à nação alemã*, tão exaltados e glorificados por todos os representantes oficiais do espírito patriótico alemão, Fichte salienta como a real essência do amor à pátria, do amor ao povo alemão, *a permanente disposição espiritual à revolução*. O amor à pátria, diz, deveria reger o Estado de tal forma "no sentido de fixar-lhe um sim superior ao do habitual de conservação da



Então não se perfilava ainda com clareza um fato que se impôs em toda a sua transcendência social à visão profética de Fichte: a marginalização da grande massa do povo de qualquer forma de instrução e de cultura que na Alemanha não havia entrado ainda na cena da realidade histórica como um fenômeno de classe. A necessidade econômica da separação entre proprietários e não-proprietários – que marca por sua vez a divisão entre os que têm acesso à cultura e os que não têm – ainda se encontrava encoberta por trás da tradicional e difusa contradição entre pobres e ricos, formando um quadro no qual a pobreza com sua seqüela de ignorância e de incultura aparecia simplesmente como imperfeição social deplorável, como uma anomalia que, se bem que muito frequente, tem por sua vez a causa numa falta de responsabilidade do indivíduo; em todo caso, uma anomalia que não se identifica ainda como fenômeno inerente à sociedade burguesa e, portanto, como fenômeno necessário. Desse modo, aqueles afortunados estudantes, aquela burguesia culta da qual provinham pôde sentir-se ainda como representante do conjunto do povo, por não estar em condições de entender as advertências de Fichte de outra maneira a não ser como um mero convite a um maior refinamento do próprio espírito.

A grandeza de Fichte também ressalta-se no terreno do conhecimento da sociedade, porque divisou e reconheceu o nascente antagonismo de classe entre burguesia e proletariado, ainda que não o visse como contradição econômica, gerada pelas leis que regem as condições de produção da ordem econômica capitalista, mas como contradição cultural e social. Inclusive pressentia o desenvolvimento de forma oposta à *consciência de classe* em virtude da qual as massas populares, marginalizadas agora de todo tipo de educação, teriam em suas mãos, da burguesia, sua própria causa de emancipação. Uma passagem memorável dos *Discursos*, que hoje deveria servir constantemente de advertência a todos os intelectuais, é aquela em que Fichte dirige a seus contemporâneos as seguintes palavras, carregadas de fatalidade e transcendência:

No curso destes discursos veremos que todos os progressos ulteriores da humanidade na nação alemã até o presente partiram do povo e que precisamente a este foram levados primeiramente os grandes assuntos nacionais, pelos quais se preocupou e fomentou. E igualmente que aqui ocorre pela primeira vez que a evolução originária da nação se oferece às classes cultas, e que se aceitaram esta proposta seria esta a primeira vez que o fazem. Veremos que *essa classe não pode calcular o tempo de que poderá dispor para colocar-se à frente deste assunto, já que este está quase preparado e maduro para sua exposição ao povo*, assim como para ser exercitado em seus próprios membros e este, o povo, depois de pouco tempo *poderá ajudar-se a si mesmo sem nossa contribuição*, do que resultará somente para nós que os agora cultos e seus epígonos se tornarão povo, mas que do povo atual se levantará outra classe mais culta.<sup>10</sup>

paz interna, da propriedade, da liberdade pessoal, da vida e do bem-estar de todos [...] Na conservação da constituição tradicional, das leis, do bem-estar civil *não há nenhuma vida verdadeira* e nenhuma decisão primária [...] Essas foram criadas por circunstâncias e situações, assim como por legisladores talvez já falecidos há tempos; as épocas seguintes continuam fiéis ao caminho empreendido e, na realidade, não vivem uma vida pública própria, mas reiteram uma pretérita. Em tais tempos não se necessita de um verdadeiro governo. Mas quando esse curso regular periga e se trata de decidir casos novos, não existentes antes, necessita-se de uma nova vida que viva por si mesma. Que espírito poderia tomar o timão em tais casos [...]? Não é o espírito do amor cívico pacífico da constituição e das leis, mas a chama ardente do amor pátrio superior que abarca a nação enquanto envoltura do eterno, pelo qual se sacrifica o nobre com alegria e o não-nobre, que só está aí por amor ao primeiro, deve se sacrificar. Não é aquele amor cívico da constituição: essa não é capaz disso se permanece na razão” (J. G. Fichte, *Reden an die deutsche Nation*, cit., pp. 120-121).

<sup>10</sup> J. G. Fichte, *Reden an die deutsche Nation*, p. 17.

Por essa capacidade de previsão e pelos princípios que a animavam, os *Discursos à nação alemã* constituem uma súplica incessante dirigida aos homens de cultura, pensadores e eruditos, aos escritores e artistas e a todos aqueles que realizam qualquer tipo de trabalho intelectual, mas sobretudo para aqueles jovens destinados a esse tipo de atividade, os estudantes, uma súplica que nos chama a colocar o mínimo de empenho para estender uma ponte sobre o abismo que nos separa da ignorância e incultura da grande massa do povo, atada a uma vida de luta pela subsistência. Então não existia ainda o conceito de proletariado, e os trabalhadores, juntamente com os artesãos, comerciantes e camponeses figuravam na categoria geral de povo, ou se contrapunha a categoria dos homens impregnados da atividade material àquela dos homens de cultura, pois a incipiente contradição de classe se manifesta, pelo menos para o proletariado, mais do que tudo na decadência dos conteúdos espirituais da vida e na atrofia de todos aqueles interesses superiores que vão além da necessidade vital imediata. Não obstante, esse fato já é reconhecido como um fenômeno social, não atribuível a adversidades ou omissões ou inclusive a culpas meramente individuais, mas, tal como foi diagnosticado por Fichte, como um sintoma patológico da própria nação, minada tanto em sua existência social como nos fundamentos do Estado. Daí surge a imperiosa necessidade de não a continuar ignorando, mas de aboli-la mediante o trabalho planificado socialmente. Para suplantar esse abismo fatal entre os homens cultos e o povo – exorta Fichte ao final de seus discursos – é preciso um esforço contínuo de ambas as partes.

Aqui vos encontrais ambos. Em lugar de mirar-vos com olhos invejosos por cima do abismo e vos denegrir, que cuide cada um por sua parte de preenchê-lo e assim aplainar o caminho para a união. Daí-vos conta, por fim, de que ambos sois forçosamente necessários, como se necessitam a cabeça e o braço.<sup>11</sup>

Não nos desviamos do tema que havíamos nos proposto a enfrentar – porque hoje não queríamos falar de Fichte, mas do significado que o socialismo adquire para os intelectuais – mesmo quando evocamos aquele grande espírito e quando permitimos que suas palavras imponentes nos atormentem, pois esse homem que falou de tal forma aos cultos de sua época, que lhes exigia tanto, que pensava que sua missão era a de criar uma verdadeira cultura popular, que, finalmente, criou a idéia da nação alemã de forma mais brilhante em que ela pode iluminar um povo – isto é, como comunidade de idéias enquanto a compreensão mútua, o trabalho e a alegria de todos os seus membros, desde o grau mais baixo até o supremo – a esse homem corresponde a honra e a glória histórica de ter sido por sua vez o primeiro socialista alemão.<sup>12</sup>

Fichte é o primeiro pensador alemão que não se limitou, em chamamentos ocasionais à filantropia e ao amor ao próximo, a dizer palavras de condenação contra a injustiça social de seu tempo, como já haviam feito muitos outros, contemporâneos ou anteriores a ele. Ao contrário: abstendo-se intencionalmente de qualquer tom patético, destacou anos antes da publicação dos *Discursos*, no trabalho mencionado sobre o Estado mercantil fechado, a necessidade de um novo e radical reordenamento das instituições existentes dentro do Estado e da sociedade. Os fundamentos dessa reorganização são

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 222.

<sup>12</sup> Só a teimosia em ignorar esse ponto decisivo para a compreensão dos escritos políticos de Fichte tornou possível transformá-lo num “patriota alemão” no sentido da tradição burguesa, e inclusive num colaborador da política belicista da Alemanha chauvinista (e com pretensões de grande potência). Para determinar se Fichte e seus escritos prestam-se a isso, ver o capítulo “Fichte über den Wahrhasten Krieg” [Fichte, acerca da verdadeira guerra], de meu livro *Klassenkampf gegen Völkerkampf* (Leipzig, 1918).

indicados – com perspicácia crítica e demonstração sistemática – na eliminação rigorosa da anarquia do sistema econômico vigente mediante a abolição da propriedade privada da terra e uma regulamentação completa da produção e do comércio por parte do Estado, reivindicações que Fichte levanta com clareza e rigor lógico. Só assim o Estado pode tornar-se realmente o Estado de todos, porque

até agora a tarefa do Estado foi concebida só em parte e unilateralmente como a instituição destinada a conservar, por meio das leis, os cidadãos na posição em que cada um se encontra. Deixou-se de lado a obrigação mais importante do Estado que é a de destinar a cada um a propriedade que lhe corresponde. Mas não é possível cumprir esse dever senão quando se tenha eliminado a anarquia comercial do mesmo modo que, gradualmente, a anarquia política [...]<sup>13</sup>

E seus postulados para uma nova educação popular tal como os coloca em seus *Discursos*: separação das crianças da família, educação pública da juventude, regulamentação da carreira e escolha do ramo profissional, obrigação de trabalhar para todos, derivam do ideal da educação nacional alemã e não são mais do que complementos daquele primeiro projeto de uma sociedade ordenada que ainda encontramos como reivindicações vigentes e atuais do socialismo moderno. O grande gênio de um Fichte – a quem ninguém se atreverá a apontar o menosprezo pelos direitos da pessoa ou de ignorar as particularidades da individualizada e da nação – não encontrou outra saída para a tarefa de fazer do Estado burguês, em processo de ruptura e autodestruição, um Estado para *todos* os cidadãos, isto é, um verdadeiro Estado nacional, senão na sua refundação com um fundamento socialista. Tudo isso é de suma importância para o nosso tema: o significado do socialismo para os intelectuais.

A luminosa figura de Fichte situa esse problema nas origens da história do socialismo moderno, e além do mais constitui uma demonstração de que esse significado só pode ser encontrado na íntima conexão e homogeneidade dos dois termos.<sup>14</sup>

## □ DESPERTAR DO PROLETARIADO

A primeira pergunta que devemos nos fazer é: como estabelecermos essa relação cem anos depois da morte de Fichte? Para a esperança dos homens, cem anos muitas vezes têm o papel de um calmante que transforma a impaciência de suas aspirações na certeza de uma expectativa segura para seus filhos e netos. “Dentro de cem anos tudo será melhor”; este pensamento é para nós uma coação agradável e inclusive Fichte, tomado pelo entusiasmo de seus contemporâneos, não duvidaria de que a quarta geração posterior a ele cresceria de acordo com a nova educação nacional e que, por fim, tudo seria melhor.

Na realidade, muitas coisas melhoraram, inclusive mais do que Fichte poderia conceber; mas ao mesmo tempo muitas coisas pioraram mais do que ele poderia ter imaginado. E ambas as coisas, o mau e o bom, tiveram uma evolução muito diferente da esperada por Fichte: a melhoria não partiu de onde ele supunha e os aspectos mais negativos se deram ali onde menos teria imaginado.

Algo melhorou: o povo, os trabalhadores melhoraram realmente sua situação. Num grandioso processo histórico que não tem antecedentes e que só está em seu começo, está se gestando o que Fichte sonhava ardentemente: a transformação do acervo espiritual da

<sup>13</sup> J. G. Fichte, *Der geschlossene Handelsstaat* [O Estado mercantil fechado], Reclam, pp. 67-68.

<sup>14</sup> Acerca de Fichte como socialista trata o capítulo “J. G. Fichte” de meu livro *Wegweiser. Studien zur Geistesgeschichte des Sozialismus* [Guia. Estudos sobre a história espiritual do socialismo] (Stuttgart: Dietz, 1914), pp. 78 e ss.

nação de um privilégio de umas poucas pessoas cultas em patrimônio comum de todos; a ascensão impetuosa e irresistível do proletariado ao mundo da cultura, que chegou a participar tanto na compreensão da ciência como no desfrute da poesia e da arte da própria tradição nacional. A assimilação do patrimônio cultural por parte das grandes massas populares – marginalizadas até então – e a semente da educação semeada nessas terras ermas, que durante tanto tempo foram as forças populares, marcarão talvez, numa futura história da cultura, um marco, o início de uma nova época, que, sob a denominação de *época dominada pela educação popular*, resplandecerá com maior fulgor do que a era aristocrática da ilustração. Se bem que os melhores representantes dessa época já tivessem visualizado a idéia de uma instrução popular como a exigência mais desejada, prévia a todo tipo de evolução cultural, o projeto não foi mais do que um sonho filosófico privado de qualquer tipo de vinculação com a realidade. Dessa forma, o ideal da educação popular tinha que se restringir à modesta dimensão de uma ilustração das classes dominantes e dos tutores espirituais do povo. O sonho daqueles pensadores pode agora se tornar realidade porque foram despertadas as forças que naqueles tempos ainda estavam adormecidas. A transcendência histórica da nascente instrução popular se desprende precisamente do fato de que o auge cultural é obra das próprias forças de uma camada social, daquela que até a gora se encontrava privada de qualquer formação cultural: o proletariado. É o resultado do despertar da consciência dessa classe, de suas necessidades intelectuais morais e estéticas que estão surgindo. Em poucas palavras, é a obra de uma classe social que quer se libertar e que tomou o único caminho que leva verdadeiramente à liberdade: aquele que através da libertação interior – livrando os homens das velhas cadeias e derrubando barreiras antiquíssimas, emancipando seu espírito no pensamento e na ação – permite finalmente a conquista da liberdade exterior.

Não se diga que foi a genialidade e a energia intelectual dos grandes dirigentes da massa que abriram o caminho. Há seis décadas somos testemunhas e admiradores daquelas virtudes que se fizeram presentes com ou sem êxito, mas com crescente energia e clareza. Pois, com que se compara o fogo permanente que o gênio de um Fichte e as ardentes palavras de um Lassalle acenderam no seio da classe operária alemã; com que se compara o eco das doutrinas de Marx e Engels, que apesar de serem um discurso friamente teórico tanto alentaram o proletariado internacional? Nesse caso se tratava de revelar e tornar conscientes os *interesses historicamente* vitais de uma classe, a mais numerosa e importante na história da humanidade, do povo trabalhador, para que ela fosse capaz de compreender e criar ela mesma todo o necessário, todo o urgente. Dessa forma, o socialismo despertou as massas populares para a vida consciente... É a força que fomenta os interesses culturais de toda índole salientando que sua satisfação vai além das meras necessidades elementares para se converter em algo cuja ausência só agora o povo começa a sentir. Por isso o socialismo se converteu precisamente naquela educação do povo com que sonhava Fichte, que pretende fazer de cada indivíduo um ser humano capaz de pensar, de agir e tomar posições autônomas e independentes, para subtraí-lo de uma vida embrutecida, de uma obtusa existência animal e vegetativa – tão fortemente odiada por Fichte –, sempre igual a si mesma, aconteça o que acontecer a seu redor.

De fato, o socialismo é aquela educação do povo não só porque transforma o indivíduo, mas também no sentido mais amplo do pensamento de Fichte: porque simultaneamente começa a preparar uma verdadeira cultura nacional na acepção de Fichte e das melhores tradições do século XVIII, profundamente distantes do espírito do século XIX, que logo desembocaria no imperialismo. Uma verdadeira cultura nacional, a partir do momento em que as obras dos poetas, pensadores e artistas só chegavam a um peque-

no círculo da nação, enquanto para a imensa maioria, para as massas, só representavam um objeto de luxo em mãos das classes ricas, odiado pela massa e fora de seu alcance.

Sim, muitas vezes se disse, é certo, mas há que continuar a insistir nisso, que se esse sutil estrato de cultura – fenômeno que só a sociedade burguesa foi capaz de criar – não se afundou e atolou ainda nas masmorras efervescentes e no cataclisma frenético de uma ignorância e de uma barbárie abandonadas à sua sorte, próprias do miserável nível de vida das grandes massas populares que sufocava toda a compreensão dos valores culturais, que se essa camada tênue conseguiu se manter foi somente graças ao trabalho incansável do socialismo em matéria de educação e formação. Despertando “desejos” no seio das massas, “agitando-as” até que perdessem sua “conformidade” apática para alentar em seu lugar uma real vontade de viver, o socialismo criou em primeiro lugar os interesses que guiavam as massas na tentativa de conquistar para si ganhos culturais alcançados até aquele momento, ao invés de destruí-los com cego furor.

Basta recordar o estado espiritual das grandes massas populares em meados do século XIX – quatro décadas depois do apelo à nação alemã feito por Fichte – para perceber que o quadro traçado anteriormente não é exagerado, e para reconhecer, ao contrário, e nunca esquecer, que o trabalho desenvolvido pelo socialismo moderno, cujo portador é a socialdemocracia, com a finalidade de despertar a consciência da classe proletária, foi uma verdadeira façanha cultural. Que panorama – para nos referirmos somente à Alemanha – a despeito do grande passado da época clássica! O norte-americano Emerson, que em 1847 viajava pela Europa, escrevia em seu livro *Traços característicos da Inglaterra*: “Na Alemanha existe uma linguagem dos doutos e outra do povo, e – se diz – eram tão diferentes entre si que nunca um pensamento ou uma expressão da obra de algum grande escritor alemão foi ouvida da boca das classes inferiores.”

Tratava-se certamente de um exagero, mas com uma dose suficiente de verdade para justificar uma impressão semelhante. Não se esqueça daquilo que pouco tempo depois escreveu um poeta, cujo coração ardia de amor pelo povo e batia pleno de esperança na revolução libertadora dos povos, contraindo-se contudo numa sensação de dor diante da idéia de que pudesse se dar um triunfo do povo tal e qual era em sua época, ou seja, a vitória, por sua vez, de tal ignorância e de sua barbárie. É conhecida a queixa de Heinrich Heine que expressa seu “estremecimento inquietante diante do fato de que assumisse o poder este soberano torpe” que se chama povo, seu temor diante “dessas cortes da destruição”, esses “*sappeures* cujo modo de ser põe em perigo todo o edifício social”. As massas, ultrajadas durante tanto tempo, se levantariam por fim e invadiriam as bibliotecas com a intenção de destruir ali as obras do espírito privadas de significado diante de seus olhos; penetrariam nos museus com o propósito de arruinar os quadros, destroçariam as belas estátuas brancas que para elas simbolizam nada mais do que a odiada luxúria, de uma abundante e ociosa riqueza. A revolução da liberdade podia representar ao mesmo tempo que a cultura ficasse reduzida a um monte de escombros; diante da ignorância da grande massa do povo, isso era o que atemorizava a alma sedenta de liberdade desse poeta do século XIX. E na realidade o povo invadiu todos os sacrários da cultura burguesa, mas de outro modo, com outras intenções do que aquela que Heine temera. Penetrou com veemência nas bibliotecas, não para arrancar todos os livros das estantes, mas com a finalidade de lê-los em seu próprio proveito; encheu as amplas salas de galerias e museus, não para destruir os quadros e derrubar as estátuas, mas para levar consigo um vislumbre de toda aquela beleza a seu próprio mundo opaco e sem alegria. O povo havia despertado: impulsionado por uma precipitada violência e um interesse impetuoso busca recuperar agora em poucas décadas o que perdeu durante séculos. O desper-

tar de sua consciência de classe coincidiu com o nascimento de uma vida em que brotam todos os restolhos milagrosos de uma incipiente cultura universal. Primeiro havia que descobrir e invocar a dimensão humana, o ser humano nessa fera absorvida pelo trabalho. Uma e outra vez foi e continua sendo impor e outorgar – essa é a expressão – a todas essas pobres criaturas esgotadas a idéia de que servem para algo mais do que para o trabalho, de que têm direito a uma *existência própria*, a uma vida dedicada a elas mesmas, a seus próprios interesses e necessidades. É precisamente essa idéia alentadora que eleva seu olhar cabisbaixo, que desperta em sua mente o interesse em fins superiores. Em poucas palavras, foi necessário semear nas massas uma profunda insatisfação diante de seu miserável destino – incitá-las à insurreição, à subversão, diz o burguês, amante da ordem, que para ele consiste no fato de que haja alguém que lustre suas botas; foi preciso despertar nelas a avidez de saber para que compreendessem o valor da própria existência e decidissem viver, conforme isso, gozando os valores da vida. O despertar no povo dessa avidez de saber garante a nossa época uma certeza para o futuro de cultura. Ressalta agora a verdade daquilo que Fichte dissera a seus contemporâneos, que a cultura – mais ainda se possui dimensão nacional – só pode sobreviver graças à participação ativa do conjunto das massas populares, ou deixa de existir. “Está claro – assim comenta Marx numa oportunidade – que a burguesia tem necessariamente que temer a estupidez das massas enquanto continuam sendo conservadoras e sua consciência quando se tornam revolucionárias.”<sup>15</sup> Mas com isso só evidencia sua verdadeira posição diante da civilização progressiva da vida do Estado, cujo portador voluntário pretende ser. Não obstante, é o proletariado que até essa data mostrou o grande mérito histórico de ter preservado não só a cultura e a civilidade da sociedade humana mais do que qualquer dos partidos que se autoqualificam como os “pilares do Estado”, mas de tê-la elevado a um nível qualitativamente superior. Como poderiam permanecer à margem de uma obra de tal envergadura histórica os intelectuais, principais destinatários do chamado de Fichte?

Em síntese: as coisas melhoraram devido à influência de forças poderosas que, quando muito, Fichte só podia pressentir, mas não divisar claramente, ou seja, através do processo econômico de transformação das velhas formas de produção na grande indústria moderna, que implicava uma separação mais definida do proletariado em sua situação social diante das outras classes e que lhe permitiu desenvolver a consciência sobre esse fato. As mudanças se deram rapidamente, mais rápido provavelmente do que tivesse sonhado um utopista há cem anos atrás, impactado e desconcertado pela profunda ignorância e barbárie em que se encontrava submerso o povo.

As coisas melhoraram e continuarão melhorando no futuro.

#### OS INTELLECTUAIS COMO SEQUAZES DA BURGUESIA

Para os intelectuais, ao contrário, a situação piorou ainda mais. A mesma contradição de classe que despertando sua consciência levou o proletariado a empreender o caminho da elevação cultural conduziu os intelectuais aos braços daquele campo que opôs os maiores obstáculos e esse processo de elevação cultural: o campo da burguesia. É isso apesar de que não são, de forma alguma, seus próprios interesses que determinam sua adesão a esse campo – opinião muito comum, mas nem por isso menos errônea.

Claro, já se passaram os anos dourados da vida estudantil, cuja recordação deveria tornar mais vivo aos olhos dos estudantes o contraste com a decadência de hoje. Claro, já

<sup>15</sup> Karl Marx, *Der achtzehnte Brumaire* [O dezoito brumário de Luís Bonaparte], p. 109.

passou aquela época em que os ideais humanistas da poesia e da filosofia clássicas estavam fortemente presentes numa intelectualidade disposta a conquistar a meta mais alta do espírito. Era o tempo em que a jovem burguesia alemã ainda tinha que combater para conseguir sua afirmação no Estado. Depois do breve respiro alentador que exatamente a dominação napoleônica lhe concedeu e que fomentou significativamente o entusiasmo das guerras de libertação, suspirando ardentemente por poder gozar essa liberdade no marco da construção de um Estado nacional próprio, se viu condenada a retornar ao calabouço mofado e deprimente do *ancien regime*. Todavia naquele então, no ânimo dos jovens estudantes alemães, que acabam de regressar dos campos de batalha onde tinham combatido pela liberdade e unidade da pátria alemã, brotavam ideais impetuosos. Contudo, naquele então levanta-se uma indignação moral diante da deslealdade dos governos, um verdadeiro espírito de rebelião que os levou a queimar os símbolos vergonhosos da mordaza política e espiritual no "Wartburgfest".\* O atentado do estudante Georg Sand, ativista da associação estudantil, contra Kotzebue\*\* caiu como um terrível raio nos planos insidiosos dos "legitimistas" de todo tipo que se apoiavam em Metternich, e foi utilizado como argumento para a "caça de demagogos", de triste memória. Vighada e perseguida em todos os estados e em todas as universidades a partir da decisão de Karlsbad, com legítimo orgulho a associação de estudantes pode recordar esse período como a época de maior valentia e audácia política dos intelectuais alemães, quando se formaram os dirigentes do assalto à *Wache* [quartel da polícia] de Frankfurt, dos combates de barricada de 1848; é a época em que os estudantes não vacilaram, mas, ao contrário, consideraram como seu dever de combatentes na luta pela liberdade aliar-se com as associações dos jovens artesãos que se definiam como socialistas; é a época em que pôde surgir entre eles um estudante como Wilhelm Liebknecht, futuro dirigente da socialdemocracia alemã.

Mas, desde que em meados do século passado, a burguesia conquistou o poder em todos os terrenos, se deu uma mudança desoladora na posição dos intelectuais diante do povo, que de alguma maneira ainda permanece vigente, em virtude da qual a palavra "povo" perdeu essa conotação de comunidade para indicar, ao contrário, a separação, o isolamento dos intelectuais a respeito do povo.

Caindo num desvio singular e perigoso, tomaram como causa da desordem social o que somente era sua consequência: a ignorância e a barbárie das massas e, por conseguinte, o selvagerismo de suas explosões de desespero. Do alto de sua vida cultural e na variedade de seus interesses intelectuais, as profissões liberais necessariamente tinham que sentir repulsa diante de uma existência totalmente absorvida na preocupação pelas necessidades grosseiramente materiais. Em qualquer movimento dos estratos populares, agora estranhos e incompreensíveis, os intelectuais não podiam ver a não ser uma ameaça contra sua vida mais refinada e contra a cultura da qual se sentiam portadores. Por isso, incapazes de ultrapassar em seu pensamento os limites das condições de existência do mundo burguês, só podiam ter sentimento de temor diante do povo, esperar de sua

\* Burschenschaften, associação estudantil que realizava manifestações públicas sob a forma de confederação liberal-nacional, das quais a mais célebre foi a festa de Wartburg, de 2 de outubro de 1817. Com o acordo de todas as universidades alemãs, essa se realizou para celebrar simultaneamente o quarto aniversário da batalha de Lipsia e o terceiro centenário do pronunciamento luterano (nota de Siglo Veintiuno Editores).

\*\* August von Kotzebue, poeta e dramaturgo alemão, nascido em Weimar, em 3 de maio de 1761. Hostil a Napoleão, exerceu cargos diplomáticos e recebeu recompensas da Rússia. Por essa atividade ganhou o ódio dos círculos liberais e radicais alemães e foi assassinado pelo estudante Sand, em 1819. Imediatamente depois desse atentado, Metternich convocou, em agosto de 1819, a Conferência de Karlsbad, na qual foram adotadas severas medidas de repressão. A Burschenschaft foi dissolvida e se estabeleceu uma rigorosa censura sobre a universidade e a imprensa (nota de Siglo Veintiuno Editores).

sublevação nada mais do que um retrocesso do nível alcançado pela cultura humana. É totalmente válido para o caso deles, e continua sendo em grande medida até o dia de hoje, o que já no *Manifesto comunista* havia se objetado diante da prevista incompreensão dos adversários: “Assim como o desaparecimento da propriedade de classe equivale, para o burguês, ao desaparecimento de toda produção, também o desaparecimento da cultura de classe significa, para ele, o desaparecimento de toda a cultura.”

Isso também era válido para o intelectual burguês que, prisioneiro da concepção burguesa da cultura, não entendia que aquilo por cuja perda temia era para a imensa maioria “o adestramento que os transforma em máquinas”.<sup>16</sup>

Mas seria incorreto supor que em geral os intelectuais foram conscientemente atraídos para o campo da burguesia por interesses econômicos, ainda que estes fossem certamente a causa na maioria dos casos. De fato, diante dos incipientes movimentos de libertação do proletariado, diante da gradual formação de sua consciência de classe, a específica consciência que a burguesia tinha de si como classe havia se desenvolvido tão pouco que a sua ideologia podia se apresentar ainda como precursora do progresso universal, especialmente no âmbito das profissões liberais, onde assumiram um relevo preponderante os verdadeiros interesses da atividade cultural. Por isso talvez foi a decisão de conservar a cultura como a concebiam esses círculos, inclusive os melhores entre eles, e a sensação de impossibilidade de comunhão alguma com a falta de compreensão e a crua estupidez das massas, o que necessariamente levou os intelectuais para o campo da burguesia como único terreno que lhes garantia o pleno exercício de suas atividades vitais, e ao qual, portanto, consideravam como campo da liberdade e do progresso. Longe de sentir qualquer tipo de solidariedade, tinha que surgir dentro deles um sentimento de estranheza a respeito desses compatriotas que levavam uma vida tão diferente. E longe, certamente, de assimilar o chamamento de Fichte, que clamara pela unidade de todas as classes por meio da educação – o que não podia ser de outro modo, já que só agora se torna evidente a grandeza dessa tarefa ainda desconhecida nos tempos de Fichte, tarefa que exigia um nível de trabalho que ultrapassava todas as forças que estivessem em condições de desenvolver os homens cultos se é que fosse assumida por eles sós e não com os próprios meios do povo. Muitas vezes esse sentimento de *separação* se converteu em sentimento de ódio, originado pela ameaça permanente de que a irracionalidade de uma violência bruta e de um obtuso prazer destrutivo poderia recair sobre a própria existência. Ou provavelmente se convertesse num sentimento de desprezo diante da escassa capacidade de controle intelectual de uma existência desenfreada, submetida sem vontade e decisão próprias a todos os instintos selvagens e aos desejos do momento que muito freqüentemente implicavam um dano para as próprias massas, sempre significavam um dano para a existência culta e civilizada que é própria do homem.

Assim nasceu nos intelectuais aquela concepção segundo a qual o povo é uma força elementar, indomada, que deve ser sujeita, dominada pelos representantes da cultura e da moral, com a ajuda do poder do Estado. E foram os melhores, os mais clarividentes entre os homens de cultura que se mostraram favoráveis a destinar aos intelectuais a tarefa de procurar ao menos dar educação ao povo como uma medida decorosa, como uma esmola que rico que vive na abundância oferece. A inteligência concebida como casta que dirige uma nação e não como uma qualidade geral e natural de cada um, a cultura como privilégio dos intelectuais e não como patrimônio de todos: assim se caracteriza o sentir dos estratos intelectuais até o dia de hoje, mantendo-se intacto no que pese

<sup>16</sup> [K. Marx & F. Engels, *Manifesto do partido comunista*, cit., p. 41].



a gravidade dos problemas sociais. E assim continua sendo a coisa em quase todas as partes. Cabe mencionar aquela famosa dissertação do reitor Adolf Erner acerca da educação política (em 1891) na qual esse engenhoso professor de direito da Universidade de Viena acusou pela primeira vez a partir de tão ilustre cargo as camadas cultas de carência de formação política e de escassa participação nos acontecimentos da vida do próprio povo; e essa denúncia, essa queixa ressoou muitas vezes a partir de então. Essa acusação ressoa em todos os campos do trabalho cultural, qualquer que seja a orientação política respectiva, onde existia uma mínima tendência intelectual a manter-se em contato com a vida social: o conservador Rudolf Sohm,\* o liberal Lujo Brentano, o radical Anton Menger e o esteta Werner Sombart todos eles lamentaram e criticaram no decorrer dos últimos anos a apatia dos homens cultos diante da vida política e social da nação, e denunciaram mediante chamamentos de advertência a imperfeição de uma educação que tende a entrar em colapso diante das forças vivas do progresso cultural. Há pouco, Friedrich Naumann\*\* se viu obrigado a desmascarar – com um amargo, mas justificado sarcasmo – essa falta de compreensão da elite intelectual de nosso povo, utilizando as seguintes palavras:

Para o leitor de formação refinada não há coisa mais estranha do que a documentação de trabalho de um operário alemão de nossa época. Documentação de trabalho? O que é isso? Outra coisa seria se a população do Tibet tivesse possuído tal costume ou se Sven Hedin\*\*\* trajasse agora alguns antigos estandartes de seda em cujo revés houvesse sido escrito em letras bordadas quem são os eleitos aos quais se permite trabalhar nas minas santas do Monte Karakorum. Subentende-se que nesse caso todas as damas cultas, todos os cavalheiros cultos aguçariam as orelhas para captar até o último detalhe do mistério que constitui esse documento tão estranho para a humanidade. Mas, como a documentação de trabalho<sup>17</sup> é algo que se requer nesses dias na Alemanha, ninguém presta atenção a esse assunto, ninguém fora os 300 mil mineiros, esses que vivem lá em baixo, e suas famílias. Mas essa gente não conta, pois suas condições de existência são menos exploradas do que as dos nativos do Tibet [...] Chegou o momento de se voltar a pensar sobre o que ocorre nos subterrâneos, no reino das sombras da Alemanha. A sociedade culta deve formar uma opinião acerca desse problema, que é parte, pois, da humanidade e, portanto, da educação.<sup>18</sup>

\* R. Sohm (1841-1917), uma das mais eminentes figuras da ciência jurídica alemã da segunda metade do século XIX e dos primeiros anos do século XX. Anton Menger (1841-1906), economista e estudioso do direito, irmão de Karl Menger e de Max Menger. Lujo Brentano (1844-1931), economista e sociólogo da escola histórica alemã. Werner Sombart (1863-1941), economista e historiador, conhecido sobretudo por seus estudos sobre a história do socialismo e do capitalismo (nota de Siglo Veintiuno Editores).

\*\* Friedrich Naumann, escritor e homem político, nascido em 1860 e morto em 1919. De tendência democrática, depois de ter aderido ao Partido Social-Cristão (nota de Siglo Veintiuno Editores).

\*\*\* Sven Anders Hedin, geógrafo e explorador sueco, participou em 1890 na missão do rei Oscar da Suécia, preso pelo xá da Pérsia, e desde então até o fim da vida realizou viagens de exploração em vastas zonas da Ásia. Suas viagens são de grande importância para o conhecimento da orografia tibetana (nota de Siglo Veintiuno Editores).

<sup>17</sup> Trata-se da documentação de trabalho exigida pelas associações de industriais, que estão em condições de condenar ao desemprego qualquer trabalhador de sua área.

<sup>18</sup> Friedrich Neumann, "Eine soziale Zeitfrage" [Um problema social atual], caderno de janeiro de 1910. O fato de que também em círculos que não assumem uma posição política se compreenda cada vez mais com maior clareza o antinatural e perigoso que uma situação cultural similar supõe para os intelectuais é testemunhado por Paul Natorp colocando quase programaticamente no primeiro artigo da nova revista *Volksbildungsarchiv* de que a educação do povo é uma "educação social" necessária tanto para as camadas superiores da sociedade como para as mais baixas. Partindo da época clássica da filosofia alemã, escreve, completamente de acordo com o que aqui temos afirmado: "No que diz respeito à questão da instrução, o legado mais importante daquela época o detectamos precisamente na existência da unilateralidade de uma instrução 'nacional', isto é, uma educação que abarque a todos os estratos sociais de uma nação de forma equitativa e que seja integralmente 'humanística'. Quem pode negar seriamente que atualmente não temos uma instrução tal, quem pode desmentir que hoje se expande, muito pelo

## ESTUDANTES E OPERÁRIOS

Dessa maneira, os intelectuais aprofundaram aquele abismo que o proletariado, por sua parte, tentara preencher. E o estudantado, esse setor do povo que deveria ser o mais florescente, o mais rico em ideais e em esperanças, mostra o resultado que essa atitude teria engendrado, evidencia o que teria ocorrido se a classe operária não tivesse mais do que compensado mediante seu próprio esforço o efeito de tal atitude, pelo menos no que a ela diz respeito. Incapaz de se manter à borda desse abismo, o estudante se precipitou no espaço aberto, de maneira violenta e antinatural, entre os setores do povo, o espaço entre a vida da cultura e a energia do povo. E paga com o isolamento total em relação aos grandes impulsos que animam a grande massa do povo, com a absoluta incompreensão das necessidades e objetivos das massas, de seu trabalho, seus sofrimentos e suas esperanças.

Que não se trata de um exagero fica demonstrado, de forma triste e eloqüente, por tudo o que aconteceu aqui, em Viena, antiga sede da cultura alemã, com uma universidade que por antiguidade é a segunda da Alemanha. Inclusive voltam-me à memória as imagens da grande manifestação das massas proletárias de 17 de outubro de 1909, que não será facilmente esquecida por todos que assistimos com vergonha e com raiva pela forma singular com que participaram os intelectuais e os estudantes.<sup>19</sup>

Um povo aturdido na rua, operários e estudantes; de um lado, dezenas de milhares de homens e mulheres das fábricas e oficinas; do outro, milhares de jovens das escolas superiores e entre eles inclusive muitos escolares. Estudantes e operários, mas não se tratava da repetição do grandioso espetáculo de 1848, cuja recordação ainda ilumina gloriosamente a união desses dois nomes, suscitando entre os operários um respeito que ao contrário é totalmente estranho para a grande massa do estudantado; estudantes e operários: mas os estudantes *não estavam junto com o povo*, transportados por seu amor e

---

contrário, uma tendência diametralmente oposta, que o abismo que se abre entre as diversas concepções do mundo [*Weltanschauungen*] caminha passo a passo com o abismo social e que, como expressão de ambos, se observa um abismo decepcionante e desolador entre os partidos políticos que deveria ser motivo da mais profunda preocupação a respeito do futuro da nação para toda pessoa que não quer se enganar e observa a situação sem mistificação?" (p. 7).

<sup>19</sup> No domingo, 17 de outubro de 1909, enquanto se realizavam numerosas assembléias na província, o proletariado de Viena fez uma concentração de massas na Praça do Ajuntamento, na rua Ring – lugar histórico de sua grande batalha por direitos civis – para protestar contra o fato de que o primeiro parlamento eleito por sufrágio geral depois de uma luta de dez anos, sangrenta e plena de sacrifícios, havia sido degradado de fato em ignóbil teatro do chauvinismo inerme dos nacionalistas burgueses. Enfurecido e desiludido há dois anos, o povo trabalhador só era um espectador que se via obrigado a suportar o fracasso de suas reivindicações mais sentidas não só com respeito a uma verdadeira política popular, mas inclusive a uma vida meramente burguesa do Estado diante da “incapacidade para o trabalho” do parlamento, seja devido ao obstrucionismo alemão ou checo. Por isso, levantava com força a sua voz exigindo que a “câmara alta” retomasse o seu trabalho e se tornasse consciente de que o povo, oprimido por uma alta dos preços dos produtos alimentícios – a esse respeito estavam pendentes no parlamento projetos de lei dirigidos à luta contra a inflação –, mobilizado há muito tempo pela obtenção de um seguro para velhice e invalidez – o projeto-de-lei correspondente já estava proposto –, esse povo esperançoso de que tantas reivindicações culturais encontrassem um tratamento digno nesse foro do direito e do sufrágio geral, tinha realmente outras preocupações além da miserável disputa pela questão dos idiomas dos nacionalistas burgueses, carente de todo conteúdo. Junto a essa manifestação, casualmente ou não, também o Deutschnationale Partei [Partido Nacionalista Alemão] havia convocado uma manifestação diante do parlamento para reivindicar o caráter alemão da cidade de Viena. Devido a um grande esforço propagandístico havia reunido uma multidão de milhares de participantes, efêmera contudo diante da classe operária presente. Entre os que ali participavam havia muitos estudantes e acadêmicos alemães que, à raiz dos limites históricos que mencionamos e aos quais voltaremos com mais detalhes, acreditavam estar levantando nessa ocasião a bandeira da cultura. Em seguida, veremos o que testemunhava de fato essa manifestação estudantil.

entusiasmo, mas *diante* do povo e *contra* ele, separados por um abismo de ódio e ira mútua, separados sobretudo *espiritualmente* mediante um conjunto de ideais mal-entendidos ou não-entendidos, e por isso separados também *materialmente* por meio de um vergonhoso cordão policial cuja tarefa consistia em proteger os estudantes da indignação do povo e o povo da petulância dos estudantes. Um espetáculo verdadeiramente edificante, que nos faz envergonhar quando evocamos o espírito de Fichte ou somente as velhas associações estudantis. Mas, os que viveram essa experiência e estão habituados a se aproximar com espírito crítico dos acontecimentos, se verão obrigados a fazer uma reflexão que não os deixará imunes.

Nós, contudo, pensando na magnitude do movimento operário socialista que se manifestava precisamente nessa concentração do povo exacerbado por ideais políticos e que converteu o “protesto” dos intelectuais num rotundo fracasso, nos perguntamos: como é possível tal acontecimento? Como é possível que os intelectuais tenham se afastado tanto de seu povo que não só o enfrentem como um partido político adversário, mas como uma camada “cult” que despreza a “plebe”?

Por que protestam os estudantes? O povo, que desfilava ali em dezenas de milhares, levantou seu grito exigindo o verdadeiro conteúdo de seus direitos políticos. Postulando uma honrada disposição ao trabalho, consciente da responsabilidade dos deputados eleitos para que o sentido do direito do sufrágio geral – aquele direito que estabelecia que eles fossem representantes do povo – não se perdesse por trás da violação da legalidade ou nas intrigas parlamentares que não servem senão aos interesses de algumas poucas camarilhas. O povo que exigia um alívio da pressão dos impostos indiretos que a cada dia lhe causavam um sofrimento maior; exigia a proteção para os velhos e inválidos do povo trabalhador; estabelecida finalmente por lei, e a imposição da paz nacional com base na autonomia de todas as nacionalidades existentes no Estado. Por sobre todas essas preocupações relacionadas mais diretamente com seus interesses imediatos, o povo levantou seu grito de indignação e protesto contra a violação da liberdade de pensamento, contra a inquisição ainda viva da igreja, de cuja persistência o mundo pudera se convencer por meio de um novo exemplo horroroso, a recente morte de Ferrer. Direitos políticos para todos, efetivamente operantes; proteção econômica para os mais fracos; liberdade para as nacionalidades, liberdade de pensamento e de aversão ao clericalismo – não era tudo isso o que também queria o estudante, o que sonhava desde o fundo de sua alma jovem, plena de ideais? Não era isso mesmo que devia sonhar necessariamente sob pena de renunciar à sua qualidade de intelectual? E como podia optar pela separação a respeito do povo nesse momento em que não havia o menor pretexto de um preconceito em relação ao culto, à raça ou à nacionalidade – qualquer que fosse o disfarce que pretendesse se colocar como capaz de construir uma barreira ente ele e a massa?

Por acaso não era tão cristão, tão alemão, tão ariano como ele mesmo a imensa maioria desse povo de Viena que enchia as ruas junto a ele? Tratava-se, pois, de *seus* compatriotas, que se bem que não tivessem convicções tão românticas como ele, pelo menos eram autênticos, reais, de carne e osso. Como não pensar acerca da particularidade de sua relação com aquela massa que por trás do cordão policial era a destinatária de tantos gestos ameaçadores de seu bastão e à qual buscava ofender ao máximo mediante todo tipo de insultos e injúrias. Por acaso passou por sua mente que na realidade não se encontrava ao lado dessa multidão formigante, mas que, ao contrário, era uma carga sobre suas costas, que todas as facilidades que tornavam possível seu estudo nas universidades eram fruto do trabalho e do suor cotidiano dessa massa anônima? Se pudesse naquele momento inundar sua mente com as palavras que Lavrov, guia espiritual do

nascente movimento revolucionário russo, dirigia precisamente aos intelectuais exortando-os a pôr seu orgulho habitual pelo nível cultural e seu progresso no justo contexto social, orgulho que atualmente só se baseia – essa é a verdade – no puro aturdimento:

Alto foi o custo que teve que pagar a humanidade para que alguns pensadores pudessem falar de seu progresso a partir da solidão de seu gabinete de trabalho. Alto foi o custo dos poucos seminários onde se formavam seus próprios mestres que hoje, entre parênteses, pouco proveito oferecem à humanidade. Se através de um cálculo aproximado se tentasse mostrar à nossa culta minoria quantas vidas pereceram no passado lutando por sua existência, quantas gerações trabalharam exclusivamente para viver e reproduzir-se, se se quisesse calcular, por fim, quantas vidas humanas malograram e quanto trabalho corresponde a cada pessoa que atualmente está em condições de levar uma vida *de certo modo* humana – se se fizesse todo esse cálculo muitos de nossos contemporâneos seriam sacudidos por horror e espanto diante da idéia de quanto capital de sangue e de trabalho foi necessário entregar para seu desenvolvimento.<sup>20</sup>

É evidente que o estudante e o aluno de curso médio de hoje não pensaram, não pensam e nem podem pensar em tudo isso. E aí temos a chave que nos explica sua tão incompreensível segregação do povo, pois o incompreensível e enigmático está no fato de que não assume essa posição por causa de uma falta de caráter ou de ideais. Quem se contenta com essa explicação deve assumir a responsabilidade não só de uma calúnia imprudente, mas, ainda mais, de um pensamento superficial que dificilmente encontra justificativa. Pois o problema reside precisamente no fato de que essa forte aversão para com o povo, tão comumente subestimada – pelo menos no que se refere aos estudantes –, nasce de seus ideais de liberdade, de nacionalidade, de pátria e de idiosincrasia nacional; quando são mais intimamente vividos tanto mais agudizam seu sentido de aversão e de ódio, quase como se estivessem em contradição com os outros ideais. As forças que se opõem a nós, socialistas, não estão necessariamente privadas de nobreza. No ardor abraçador da juventude inclusive as escórias de verdades anacrônicas que há tempo perderam sua vigência e os preconceitos mais antigos tomam o rosto de uma nova vida; o importante é não afogar esse ardor por trás das pedras mortas dos tempos passados, mas fundi-lo com aquele nobre metal, o único que torna possível forjar os valores do futuro.

#### OS LIMITES DA FORMA DE COMPREENSÃO DA BURGUESIA

Se não nos iludirmos diante da existência de singulares exceções, a posição dos estudantes e intelectuais tal como foi e como em geral continua sendo diante do socialismo pode ser descrita das seguintes maneiras: não só *não o compreende*, mas nem sequer sente o desejo de entendê-lo, *porque não suspeita que aqui se trata de ter que compreender algo muito especial*. Não enfrenta o socialismo como algo muito peculiar, algo cuja essência ainda é preciso indagar algo completamente diferente da essência dos partidos políticos correntes, de maneira que também sua representação política, a socialdemocracia assume um caráter único incomparável diante dos demais partidos. Ao contrário, considera a socialdemocracia como um partido político substancialmente similar a todos os demais partidos burgueses, dos quais em suma se diferencia – segundo sua opinião – pela desproporcionalidade e inclusive a irracionalidade de suas reivindicações, pois do socialismo nada mais sabe do que aquilo que herdou através das concepções deformadas da pequena burguesia sobre esse Satanás da vida social: um bando de eternos descontentes

<sup>20</sup> Peter Lawrow, *Historische Briefe* [Cartas históricas] (Berlim: Akademischer Verlag, 1901), pp. 102-103.

para quem não existe nada sagrado, nem o trono, nem o altar, nem a família, nem a pátria, nem a nação; um bando de pessoas que tudo quer dividir e nivelar, cujo anseio na realidade é não ter que trabalhar para dispor de mais tempo ainda para suas bebedeiras, o que atualmente constitui seu passatempo predileto. Pode parecer um exagero ou uma caricatura, mas corresponde aos fatos com uma única atenuante de que nem sempre foi dito desse modo tão cru; contudo, não há dúvida de que esses “pensamentos” continuam vigentes ainda como regra de conduta com base no que o julgamento da grande massa intelectual acerca do socialismo – livre das rixas de todo tipo de conhecimento objetivo – forma aqueles cristais que rompem tão estranhamente à luz da realidade social.

Certamente não podemos esperar outros resultados levando em conta o curso do atual sistema educativo e formativo que recebe um intelectual, que em geral procede dos círculos burgueses, o qual pelo menos integrou a seu mundo por meio da escola. Tome-mos o caso de um estudante universitário desprovido de qualquer outra influência a não ser aquela que lhe é imposta por sua família e pela escola que frequentou, e veremos que vive necessariamente num mundo em que o espiritual é completamente congruente com as idéias e possibilidades do mundo burguês e que tudo o que esteja fora do marco desse mundo será concebido por ele como algo impossível, ilusório ou criminoso. Toda a sua formação é voltada para o propósito de isolá-lo e envolvê-lo por completo na ideologia burguesa que, dotando-se a si mesma de um valor absoluto, inculca no educando como coisa óbvia a idéia de que aquilo que difere ou contrasta com os ideais burgueses deve ser considerado como um desvio e traição desses ideais, inclusive da própria razão.

Observemos a família burguesa, com suas indulgentes virtudes sempre adaptadas de modo tal que sejam compartilhadas com a obtenção do proveito próprio na vida; aí está a escola primária, que se empenha em impregnar a alma infantil de dogmatismo religioso e moralismo burguês; a escola secundária, com seu idealismo ingênuo e alheio ao mundo real nos liceus e com seu utilitarismo cru nas escolas de orientação técnica e em ciências naturais, ambas caracterizadas por uma penosa falta de toda liberdade em seus planos de ensino para se assegurar contra a menor contravenção das limitações oficiais estabelecida pela Igreja e o Estado. De onde pode aquele jovem engomado de tal forma pelas instituições educacionais obter um impulso por meio de sua formação para ousar um olhar para além do mundo cultural da burguesia, que o mantém enfeitado e cativo, para aquele mundo real do qual o proletariado constitui a maior parte, totalmente desconhecida e oculta para ele? E posteriormente a famosa liberdade acadêmica da universidade que não é nem pode ser tal como foi concebida e elogiada desde os tempos passadas: como um bem precioso da nação, ou seja, a passagem de um longo e sério processo educativo para um novo período de autoformação e de liberdade cultural *interior*. A liberdade acadêmica, ao contrário, tornou-se uma liberdade totalmente *externa e formal*, na qual o espírito, encarcerado na prisão do horizonte burguês e apenas consciente do limitado de seus ideais, ostenta mais no sentimento do que na reflexão, por meio de atitudes ruidosas, pretensamente exuberante de força e aferrando-se a formas arcaicas de comportamento, tenta fingir um conteúdo que na realidade não tem vinculação alguma não somente com o mundo real no qual esses jovens vivem, mas nem sequer com seu próprio mundo burguês. E se bem que os mais profundos impulsos ideais agitem esses jovens, eles, diante de uma tal alienação da vida real, não podem deixar de quebrar suas asas ao se depararem continuamente com os férreos limites dessa realidade incompreendida que, não obstante, lhes é imposta em toda parte, tornando-se assim o inimigo do idealismo. E nisso consiste a tragédia da juventude intelectual burguesa que ou permanece sem refletir sobre aquilo que chama de seu idealismo – alternativa adotada muito

freqüentemente – ou se vê constringida a padecer o conflito mais destrutivo precisamente a respeito de suas aspirações mais verdadeiras na medida em que não entende a necessidade de dirigir seu olhar para além dos confins de sua existência burguesa: o conflito do ideal com a realidade, mas não no sentido aceito desde sempre de que o ideal constitui tão-somente uma meta jamais alcançável na realidade, mas no sentido destrutivo segundo o qual o ideal deve renunciar a toda realidade e só pode existir opondo-se a esta. Que outra solução há para esse conflito que não seja retirar-se dessa realidade? O ameaçado idealismo do mundo intelectual burguês só pode se salvar conservando sua estreiteza social e política como meio de defesa biológica, ou seja, fechando-se em sua incompreensão diante da realidade hostil, reforçando e perpetuando com isso mais ainda o erro inicial.

Dessa maneira, alguns chegam a tomar como pretexto certas aspirações ideais – o exercício da ciência e da arte como fim em si mesmo – para se retirar por completo da vida real da sociedade que lhes causa estupor; como pretexto para ignorar as obrigações que ela lhes impõe, antes de tudo o dever de tomar posição diante de suas tarefas e problemas e para considerar a política, que é o trabalho consciente e sistemático de organização da vida social, como uma empresa muito abaixo da altura de seu ponto de observação. Mas isso é uma debilidade intelectual que, se bem que se autocaracteriza como um modo de pensar elevado, já foi denunciada por Kant como indiferença moral. Outros, ao contrário, cujo idealismo tem origem muito mais na exuberância e no entusiasmo próprios da juventude, caem nos braços deste ou daquele partido burguês cujo mecanismo de interesses, do qual não é possível escapar, destrói inclusive o último reflexo daquelas aspirações mais elevadas que possivelmente tenham dourado o caminho na juventude.

Dadas essas premissas é natural que esses intelectuais não enfrentem o problema do socialismo como tal, isto é: *como modo social distinto de pensar em seus princípios*, mas o concebem necessariamente congênial, isto é, como mero partido político, reduzindo-o imediatamente a seus próprios parâmetros. Mas, se faltam todas as premissas culturais para poder entender em sua própria natureza o grandioso fenômeno histórico do socialismo e, ao contrário, prevalecem as valorizações e categorias políticas da burguesia para julgar um fenômeno social que representa uma ruptura sistemática com esse ponto de vista, não é de estranhar que não surja nem o mais efêmero questionamento que lhes permita pensar se por acaso seus habituais critérios políticos dessa vez são totalmente inoportunos; porque quando se trata com o socialismo e com a socialdemocracia, que é sua manifestação política, não há que se relacioná-los com um movimento em primeiro termo político, *mas com um movimento antes de tudo cultural*, como foi, por exemplo, o cristianismo; com um movimento, pois, *que tem uma dimensão política somente em segundo plano, mas que fora dela é muitas outras coisas*: uma reconstrução do povo que se executa mediante o sindicato, a cooperativa, a cultura, e também uma organização política, mas que se entende como um mero meio para alcançar tudo aquilo. Este é o primeiro limite sério, do qual falávamos antes, da forma de compreensão da burguesia segundo a qual não há que se entender nada de modo particular, mas que se pode fazer como quando se toma posição no confronto com todos os demais partidos burgueses. Ou seja, valendo-se do acervo comum das idéias políticas. Uma atitude tal é possível no confronto de todos os partidos burgueses porque todos eles, por diferentes que sejam os interesses que representam, baseiam-se no mesmo fundamento; portanto, também se movem no mesmo mundo de idéias políticas, só que cada partido pretende conquistar para si a hegemonia nesse terreno. Contudo, tal atitude não é lícita diante do socialismo e da socialdemocra-

cia, sua representação política, porque simplesmente não se dá essa convergência quanto ao mundo das idéias políticas. No caso do socialismo nos deparamos *com uma concepção do Estado e da sociedade essencialmente distinta à da burguesia*, que rompeu radicalmente com o velho mundo de concepções políticas e que quer romper de um modo igualmente radical com o atual poder político e econômico. Por isso também ali onde o socialismo aparece exteriormente como um partido político junto e contra os velhos partidos burgueses se diferencia essencialmente deles, em virtude desse particular conteúdo ideal e moral de sua ideologia que transforma o modo de pensar de seus adeptos; em poucas palavras: em virtude de toda a sua estrutura intelectual. Isso é sentido até por seu membro mais humilde por meio da singular sensação de que sua filiação ao partido significa mais do que o simples pertencer a alguma organização política, o início de uma nova forma de consciência de si e de sua classe, de uma nova vida a serviço da missão histórica dessa classe, da refundação espiritual e material da sociedade humana. Enquanto em seus verdadeiros seguidores, os que formam o partido político da socialdemocracia, o socialismo amplia extraordinariamente a visão do horizonte da humanidade, todos os outros partidos se caracterizam por estreitar o horizonte de seus membros ao raio limitado de interesses particulares de toda espécie.

Na mesma medida em que os intelectuais burgueses não conseguem captar esse caráter cultural do socialismo e mantêm, ao contrário, esculpida em sua mente sua fachada política externa, se consolida a trama de equívocos e de incompreensões que como um véu ofusca a visão de pessoas que normalmente têm clareza de julgamento na convicção de que também o socialismo “só é um partido”, só é a representação de um interesse partidário e, ainda mais, um partido que não parece estar vinculado a eles por meio de nenhuma afinidade específica de interesses, isto é, um simples partido operário. O socialismo é a política dos assalariados e sua seqüela ainda mais miserável: a dos pobres e despossuídos; é uma questão do pão e do salário, um movimento da miséria. Considerado como inimigo não vem ao caso no fundo sempre e quando se consegue conservar “seu núcleo são” e suprimir todo o resto. Mas que importância pode ter tal movimento da quarta casta para sua própria casta, a dos intelectuais? O que é que poderiam encontrar nele? O que é que poderiam ganhar e, além do mais, o que é que poderiam trazer para eles? Sim, são precisamente os fundamentos teóricos do socialismo que parecem proporcionar às mentes com uma predisposição crítica a explicação científica da separação existente entre intelectuais e operários. É, pois, a compreensão da necessidade econômica da contradição de classe que separa esses dois grupos da mesma forma que os dois mundos em que vivem e atuam: o mundo burguês e o mundo proletário.<sup>21</sup>

Todos esses limites da forma de compreensão da burguesia, que constituem para os intelectuais obstáculos à possibilidade de fazer um juízo verdadeiramente livre sobre o socialismo antes de condená-lo, impedem o reconhecimento do real e grande significado que o socialismo assume precisamente para aquele estrato da sociedade que poderia se tornar sua *elite* somente libertando-se de tais limites. Trata-se então de uma espécie de operação de cataratas realizada na visão espiritual dos intelectuais, à qual eles poderiam evitar somente se, negando-se a compreender a transcendência do socialismo, escolhem viver nas trevas em que foram colocados pela sociedade e pela educação recebidas.

<sup>21</sup> Ver Max Adler, *Die Bedeutung des Sozialismus* [A transcendência do socialismo] (4ª ed. Viena: Volksbuchhandlung, 1918).